

ORAÇÃO FUNEBRE

DO MUITO ALTO, E PODEROSO SENHOR

D. PEDRO IV.

REI, E REGENTE DE PORTUGAL, E DUQUE
DE BRAGANÇA,

que no dia 24 de Setembro de 1847,

NAS ANNUAES EXEQUIAS

que a Irmandade da Real Capella da Lapa

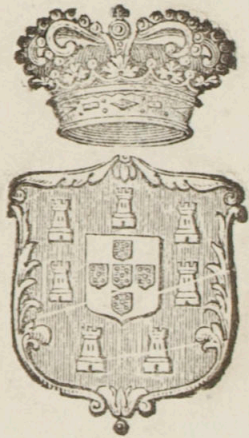
DA CIDADE DO PORTO,

TRIBUTA Á MEMORIA DE TÃO GRANDE PRINCIPE,

POR

Antonio do Carmo Velho de Barboza,

Thesoureiro Mór, Parocho da Matriz de Santa Maria de Leça do Balio,
Pregador Régio da Real Capella de Villa Viçosa, e Cavalleiro da
Ordem de Christo, etc.



PORTO:

TYPOGRAFIA DE GANDRA & FILHOS.

1847.

13005

Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat Populum!

Livr. 1.º dos Machab. Cap. 9, v. 21.

*Que desgraça, morrer tão cedo o homem forte, que
fazia a ventura do seu Povo!*

No Ill.^{mo} Sr.

JOSÉ LOURENÇO PINTO,

SECRETARIO GERAL

DO GOVERNO CIVIL DO DISTRICTO DO PORTO,

EM TESTEMUNHO DE AMIZADE



Os Editores.

JOHN BOURBONNEAU PERWEE

ESQUIRE

ESQUIRE

ESQUIRE

ESQUIRE

*Dedit se ut liberaret populum suum, et
acquireret nomen æternum.*

*Sacrificou a sua vida pela Liberdade da
sua Nação, e alcançou por isso hum
nome de eterna gloria.*

Livr. 1.º dos Machab. Cap. 6, v. 44.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

MAGESTOSA Purpura, augusto Sceptro, Dia-
dema sem dono, espada vencedora... ah! que
triste perda m'annunciaes vós? Sois vós, aca-
so os ricos emblemas, com que a Nação He-
brea celebra o Heroismo, e honra as cinzas do
valente Eleazar, que sacrificou a sua vida para
destruir o Tyranno da sua Nação, e dar assim a
Liberdade á sua Patria oppressa, escrava, e avil-
tada? Ah! não; vós que em outro tempo ereis
o ornato d'hum Herce maior do que Eleazar,
sois hoje quanto nos resta d'esse PRINCIPE in-
comparavel, que reinou nas quatro partes do
hemisferio, e não duvidou sacrificar a sua vida,
tão preciosa, para felicitar com a Liberdade os
seus Povos de Portugal! *Dedit se ut liberaret
populum suum, et acquireret nomen æternum.*

O moderno Eleazar, o Heroe cuja perda hoje carpinos foi hum tempo nosso REY; o seu reinado foi sim de poucos dias, mas forão os precizos para fazer a nossa felicidade, para nos tornar livres de escravos, que d'antes eramos. . . Oh! dias tão breves mas de tanta gloria para o Senhor D. PEDRO IV. vós avultaes seculos nas paginas da Historia! Este Monarcha tão generoso vio-nos escravos, geméo sobre a nossa desgraça, projectou libertar-nos, e por meio de Leis sabias, e justas equiparou-nos aos Povos mais illustrados da culta Europa. Deo-nos huma Lei fundamental aonde consignou os principios mais luminosos do Direito Publico Constitucional: disse a si mesmo e aos Reis seus successores: O nosso poder chega até aqui, a Lei não nos dá mais; e disse tambem aos Povos: Vós d'aqui ávante não sereis mais as victimas das caprixosas paixões, de quem governa; a Lei, e não o Rey, he quem vos manda: o tempo, e a ambição escurecêrão vossos Direitos, eu vo-los restituo, e na minha Filha tereis o melhor garante dos vossos Fóros; eu deixo de ser vosso REY: não me pésa de abdicar a Coroa dos Affonsos porque d'ella me fica a melhor joia, a gloria de libertar a minha patria: no futuro Esposo de minha filha tereis hum Regente Constitucional. Mas a perfidia illudio a boa fé de Monarcha tão generoso! Lançarão-nos grilhões, tornamos a ser escravos, nem podiamos fallar, e até o gemer era hum crime!

O DADOR DA CARTA interpretou nossos suspiros, compadeceu-se de nós; e bem desempenhando os deveres d'amante Pai, que sacrifica a propria vida para que seus filhos vivão, e vivão ditosos, não quer repouzo, empunha huma espa-

da, afronta incommodos, e perigos, expoem-se a riscos, jura morrer, ou libertar-nos, combate a nosso favor, da-nos a liberdade e a vida, arisca a sua, triunfa, felicita-nos, e morre!! *Dedit se ut liberaret populum suum, et acquireret nomen aeternum.*

Oh! dor! Oh! perda irreparavel! Coroado de louros, coberto das benções de todos os Liberaes, e de todos aquelles, que o não são, mas a quem o seu Real Manto encobrio erros, e crimes, admirado da Europa inteira, Heroe da Liberdade, Principe sem igual, o mais desenteressado dos Homens, Pae generoso, delicias d'huma Consorte querida e virtuosa, delicias em fim da sua Nação, e sustentaculo das suas Liberdades, o respeito de seus inimigos, o Muito Alto, e Poderoso Principe, o Senhor D. PEDRO DE BRAGANÇA E BOURBON, que foi REY, e Regente de Portugal, e seus Dominios, acaba entre victorias, e triumphos, e voa dos braços da gloria terrena, para o seio da gloria celeste.

Ah! e quem poderá narrar em breve periodo os variados successos da vida deste Principe incomparavel! Vida breve, e curta sim, mas fecunda em muitos, e mui transcendentos acontecimentos! Ainda no viçoso dos annos, pouco alem da Primavera da vida, já o Senhor D. PEDRO se alistava no honroso cathalogo dos grandes Reis, e dos grandes Homens. Fundador, e Legislador d'hum Imperio, o mais extenso dos tempos modernos, e talvez dos tempos antigos, já a vida do Senhor D. PEDRO offerecia avultados materiaes para encher longas paginas da Historia; e a sua abdicacão do primeiro Throno do novo Mundo, a sua chegada á Ilha Terceira, a organisação d'hum Exercito, o

arranjo, e equipamento d'huma Armada, o seu desembarque em Portugal, as fortificações, e defeza do Porto, a destruição do maior Exército, que já mais teve Portugal, e isto só com 7:500 homens, são accontecimentos tão gloriosos, e tão rapidos, que a nossa imaginação, ao pensa-los, não tem tempo de sobejo para bem os admirar. Até parece que a nossa rasão nega fé ao que virão nossos olhos. Emulo de Alexandre no valor, e seu igual na rapidez de seus triumphos, o Senhor D. PEDRO até imitou o Heroe Macedonio na brevidade da sua vida. Trinta e seis annos, não completos, foi o tempo de vida, que a Providencia liberalizou ao nosso incomparavel Libertador; espaço na verdade curto, mas sufficientemente longo para nos mostrar os excessos da sua amizade; amizade, que tocou no seu zenith, porque ninguem pode levar mais alto o excesso da sua ternura, do que sacrificar a sua vida pelos seus amigos, como diz S. João no Capitulo 15.º do seu Evangelho; e isto he o que praticou por nós o Senhor D. PEDRO IV. como vós hides ver.

Eu vou mostrar-vos no meu Discurso, que o Senhor D. PEDRO IV. foi o maior amigo dos Portuguezes, porque nos deo a Carta Constitucional fundamento da nossa Liberdade: foi o maior Amigo dos Portuguezes porque nos conquistou a Liberdade com dispendio da sua saúde, e vida, e por tudo isto alcançou hum nome de eterna gloria: e para em fim testemunhar aos Portuguezes, que o amor; que lhes consagrou ainda hia alem da morte, no Solar da Nação Portugueza, que he esta Cidade heroica, donde provém o nome a Portugal, quiz depositar o seu Coração magnanimo, pois assim como no Solar de qualquer Familia nobre se depositão

os seus Titulos, Timbres, e Brazões, assim tambem no Solar da Familia Portugueza, o Grande PEDRO quiz depositar o Timbre do seu amor, esse Coração que nunca palpitou de medo, e que só batia apressurado, quando cuidava na nossa felicidade.

Foi a vós, Religiosa, e Respeitavel Irmandade desta Real Capella da Lapa, foi a vós, que o nosso Augusto Amigo confiou depósito tão precioso: previu o apreço, que d'elle haviéis de fazer; não se enganou. Com effeito, todos os Illustres Mezarios desta respeitavel Irmandade, unidos em sentimentos com todos os Amigos do Heroe finado, não se tem poupado aos mais arduos sacrificios, para virem todos os annos testemunhar ao Monarcha os seus respeitos, e ao Amigo os seus pesares. Tudo quanto hum religioso, e triste sentimento póde dictar, como viva expressão d'acerbador, tudo aqui se divisa. Pesados lutos, cantos funebres, hum respeitavel, e sagrado Pontifice offerecendo ao Ceo valiozas Orações pelo eterno descanso d'aquelle, que na vida tanto por nós se afadigou; os mais eloquentes Oradores louvando as virtudes do Principe finado, e expondo o sentimento dos vivos... tudo, tudo annuncia os vossos respeitos, e a profunda dor, que vos punge n'alma. E porque não escolhestes, illustres Mezarios, porque não escolhestes algum outro Orador, que mais eloquente do que eu, melhor desempenhasse a sua honrosa tarefa? Para que quizestes, que eu já cançado, e enfermo e que em uzo de remedios, passei quasi todo o pouco tempo, que me destes, visse fazer notavel contraste com esses Ornamentos do Pulpito Portuguez que me precedêrão? Mas emfim já que tivestes a bondade de

honrar-me com a vossa escolha para vir chorar com vosco a perda do nosso amigo, choraremos todos, mas desculpai-me. Vós, ó Pai das luzes, illustrai-me: Deos de poder, soccorrei-me. Meu respeitavel e dignissimo Prelado, que tendes a indulgencia, como virtude caracteristica de voss'alma bem formada, uzai d'essa virtude para comigo, e desculpai-me tambem. E vós, religioso e respeitavel Auditorio, não olheis para os meus defeitos, e attendei-me, que já coméço.

Ser verdadeiramente amigo d'hum Povo, concorrer com efficacia para a sua felicidade, consiste em dar-lhe Leis sábias, e justas, que o defendam tanto da prepotencia de quem governa, como dos horrores da licença. Alguns genios transcendentos tem encetado esta difficil tarefa, mas de nenhum d'elles avulta o nome no longo cathalogo dos Reis: estava reservada para o immortal DUQUE DE BRAGANÇA, a gloria indisputavel de ser o primeiro Monarcha do Mundo, que livre, e sem coacção, restituisse ao seu Povo os Direitos do Homem, que vive em Sociedade. Foi o Senhor D. PEDRO IV. o primeiro Monarcha do Mundo, que livre, e sem coacção cerceou o podêr, e mando herdados: foi o Senhor D. PEDRO IV o Rei Portuguez mais amigo do seu Povo, porque lhe deu Leis sábias e liberaes, e com o dispendio da propria vida fez vigorar estas mesmas Leis! Vamos, Senhores, vamos admirar como, por caminhos, que nos parecem avêssos, a Providencia conduzio os passos do Senhor D. PEDRO para fazer a nossa felicidade.

O dia 12 d'Outubro de 1798 foi a epocha marcada pela Providencia para na Pessoa do Senhor D. PEDRO dar ao Mundo hum Heroe,

ao Brazil o seu Legislador, e a Portugal hum Amigo valioso. Como segundo genito do Senhor D. João 6.º estava distante do Throno, e esta distancia, e a má fortuna da Real Familia, n'esse tempo, fôrão causas, ou pretextos de se desprezar a educação moral do Regio Infante: lá tarde se deo hum Mestre ao Senhor D. PEDRO, mas o Discipulo ainda não conhecia bem o Mestre quando este terminou seus dias, e o novo Alexandre sahio assim mesmo hum Rei Filosofo, sem ter por Instructor hum Aristoteles: Mestre e Discipulo de si mesmo, toda a gloria do seu saber reflecte n'elle só. Herdeiro presumptivo do Throno, pela morte do Senhor Principe D. Antonio, o Senhor D. PEDRO applica todo o seu cuidado a estudar a Sciencia do Governo; e com hum ôlho fino e perspicaz decifra as causas, e o andamento dos complicados negocios da guerra Peninsular, que tinha em expectação a Europa inteira. Restava porém ao Senhor D. PEDRO huma occasião opportuna para desenvolver os talentos, com que a natureza o dotára, e o estudo aperfeçoou: o anno de 1820 lh'a subministra. O facho da Liberdade, accezo na Europa, luzio além do Equador, e os successos de Portugal não podião deixar de influir nas nossas possessões da Terra de Santa Cruz. A força das circumstancias tinha feito que o Brazil passasse de simples Colonia, á cathegoria de Reino-Unido, mas a politica europêa queria-o vêr independente. O Senhor D. João 6.º na sua volta para a Europa, tinha deixado o Senhor D. PEDRO, seu Lugar-Tenente no Brazil; o govêrno daquellas vastas possessões, não podia cahir em melhores mãos; mas as circumstancias erão críticas! O Brazil já rico e povoado, achava-se

vigoroso, e aborrecia a sujeição: as Colonias, Senhores, são como os filhos familias, quando adultos, e vigorosos, esquecem-se dos cuidados com que fôrão tractados, e querem emancipar-se; mas o Brazil vacilava sobre a fórma de governo, que lhe conviria adoptar; as republicas hespanholas, que o cercavão, cortejavão-no, o Brazil não desdenhava os seus affagos, e se então se adoptasse o Governo Democratico, forçosamente era excluido o Regente, e a Casa de Bragança perdia a gloria de conservar em hum de seus Membros o primeiro Imperio do novo Mundo. Ah! e que Politica não foi preciso ao Senhor D. PEDRO para reúnir vontades, e interêsses tão desvairados! Até lhe foi preciso fingir que era nosso inimigo, para melhor nos congraçar com os Brasileiros! Bem que occupado na felicidade dos novos Subditos, não se esquecia de nós o Senhor D. PEDRO: tinha-nos na lembrança, e no coração, tinha pensado muito na nossa felicidade, e por isso quando o Throno Portuguez foi sua herança, só gastou o preciso tempo para nos outhorgar essa CONSTITUIÇÃO, fructo do seu saber, e fundamento da nossa Liberdade. Bem conhecia o Senhor D. PEDRO IV. que a politica da Europa, e os interêsses do Brazil, e Portugal, não permittião, que a mesma frente cingisse os dous Diademas, e abdica por tanto na sua AUGUSTA PRIMOGENITA o Dote das *Tarejas*, e as Conquistas dos *Henriques*; e se vos admira o valioso presente d'hum Reino, que deu a sua Filha, não vos deve admirar menos o presente, que deu aos Portuguezes, a Liberdade!!! Immortal PEDRO, Principe nunca assás chorado! Esta tua preciosa dadia me faz, com razão, chamar-te o maior Amigo dos Por-

tuguezes! Porém notai, Senhores, que o Senhor D. PEDRO não nos deu huma Liberdade illimitada, isso seria a Licença, presente funestissimo; o que nos deu este Amigo verdadeiro, foi huma Liberdade compativel com o bem-estar do homem sociavel, e que está em harmonia com os usos, e costumes da Nação, e com os principios de Direito adoptados na Europa. Vamos, Senhores, vamos analizar brevemente a CARTA CONSTITUCIONAL, e vereis claras estas verdades.

O Senhor D. PEDRO estudou sem dúvida os melhores Publicistas antigos, e modernos para saber qual era a melhor fórma de governo, e leo em todos, que a melhor Constituição não he aquella, que se compõe das mais bellas e seductoras theorías, mas sim aquella que he análoga á indole, character, idéas, habitos moraes, usos, costumes e até prejuizos da Nação para quem he feita: o nosso Amigo sem dúvida leu em *Platão*, n'esse Filosofo, a quem o seu profundo saber mereceu o faustoso titulo de divino, que perguntando-lhe os Sicilianos, qual era a melhor fórma de governo que podião adoptar? o Filosofo lhes respondera: = que o melhor partido que podião tomar era obedecer aos Reis, que fossem sujeitos á Lei; — e por isso o nosso Amigo adoptou o Governo Monarchico Representativo. Haveráõ Governos mais livres do que este, mas são mais turbulentos, e menos duradouros: Athenas querendo ser muito livre, teve de sofrer as duras Leis do sanguinario *Dracon*, e gemeo por fim debaixo da oppressão dos seus trinta tyrannos. A França desgostosa d'hum Rei humano, mas sempre irresoluto, plantou a árvore de huma illimitada Liberdade, regou-a

com mares de sangue, mas a arvore definhouse, e a França para ter socêgo teve de entregar-se ás vontades de hum Soldado afortunado. Assim, Senhores, o Senhor D. PEDRO adoptando o Governo Monarchico Representativo, adoptou a melhor fôrma de Govêrno, e o mais análogo aos nossos antigos usos, costumes, e idéas.

Sempre em conformidade com os antigos usos da Nação, o Senhor D. PEDRO estabeleceu a Representação Nacional. Ainda Portugal era governado pelo Senhor Conde *D. Henrique*, e já este Senhor convocava Côrtes para a Villa de Guimarães, e os Senhores Reis seus descendentes sempre as convocarão quando graves negocios se offerecião. Não se lhes tinha porém fixado epocha, e esta epocha já tinha sido objecto de graves discussões na tempestuosa menoridade do Senhor *D. Affonso 5.º*, mas nada a final se decidio. O Senhor *D. João 6.º* tencionou fixa-la, como bem sabido he, mas esta gloria estava reservada ao Principe nosso Amigo.

Assim, Senhores, chamar a Nação a Côrtes, he uso antigo da Nação, com o qual o Senhor D. PEDRO se conformou, como habilitissimo Politico, e segundo as idéas do tempo, e a boa razão pedia; mas só elle he que lhe fixou a duração, e a epocha. As nossas antigas Côrtes erão porém compostas do Clero, Nobreza e Povo, porque se estava na persuasão, que cada classe devia advogar os seus interesses, muitas vezes contrários ao bem geral da Nação; porém o Senhor D. PEDRO, em conformidade com o voto da Nação, e com a prática dos Governos Representativos da Europa, estabeleceu duas Camaras, as quaes, bem co-

mo as pacificas abelhas, devião trabalhar para a felicidade do todo. Tambem na CARTA CONSTITUCIONAL o Senhor D. PEDRO conserva illesa a Dignidade Real. Distribuidor independente das graças, o Rei nunca he Auctor do mal; e que bella prerogativa! E ainda haverão Reis, que não queirão ser Constitucionaes? Haverão alguns tão desejosos do mando, que até queirão passar por maus?

Não escapou á penetração do Rei Legislador e Filosofo, que o mais bello beneficio, que a Providencia fez ao homem, foi o dota-lo do precioso dom da palavra para exprimir seus pensamentos, e tambem lhe não era desconhecido, que até ao anno de 1572 a Censura não era conhecida em Portugal, e que a primeira Obra censurada foi esse Poema sublime, aonde o mal galardoado *Camões* cantou a gloria dos Portuguezes, e immortalizou seu nome. Sabia igualmente o profundo Legislador, que já nas Côrtes de 1643 o Bispo Capellão Mór, *D. Miguel da Cunha*, no seu discurso d'abertura das mesmas Côrtes, tinha dito, que: — a liberdade do homem consiste em dizer livremente o que entende: — he por isso, que o mesmo Sabio Legislador, segundo os antigos usos, e idéas da Nação, as luzes do Seculo, e as instituições dos Povos livres da Europa, sancionou a Liberdade da Imprensa, mas estatuiu tambem que se fizesse huma Lei, que coarctasse os seus abuzos. A imprensa livre he a maior belleza e mesmo huma necessidade do Governo Constitucional: a Imprensa livre he o desafôgo do Cidadão opprimido, he o punhal agudo que traspassa o coração, e faz córar de pejo a Authoridade prevaricadora; he o manancial das riquezas, pois á similhaça de fecundo ribeiro,

que fertiliza o paiz que banha, leva por todo o mundo as luzes, e os inventos, que provém das Sciencias e das Artes; mas o seu abuso he funestissimo! he hum punhal libertecida, que mata a Mãe que lhe deu o sêr; he a causa dos odios, e desacordos dos partidos; he o foco d'onde dimanão os principios das revoluções, que infelicitão os povos, e muitas vezes os somem na voragem das anarchias: quanto seria para desejar, que todos os partidos se penetrassem destas verdades, e a Imprensa não exorbitasse dos seus justos limites! Cidadãos de todos os partidos, lancemos sérias vistas sobre nós, uzemos da Imprensa como o Sábio Legislador queria que uzasseis, e o socêgo, que nos falta, tornará talvez á nossa patria!

Não ignorava tambem o Grande PEDRO, que o nosso Deos não quer cultos forçados: os livres affectos da nossa alma, são o culto que mais lhe apraz: a doçura e a persuasão, e não o ferro e fogo sôrão os meios de que o Legislador do Evangelho se servio para estender a sua Religião Divina. Tambem sabia o Grande PEDRO, que a tolerancia politica a respeito de Religião foi tão ampla em Portugal, desde os principios da Monarchia até aos tempos do Senhor *D. João 2.º*, e do Senhor *D. Manoel*, que nenhuma outra Nação, até hoje, nos tem excedido, e poucas ainda lá tem chegado. Os Judeos e os Mouros tinham hum certo culto público em Portugal, e até huns e outros tinham legislação, e authoridades suas proprias. Sabia tambem o Senhor *D. PEDRO*, que foi o amor, e não a religião, nem a politica quem fez que o Rei afortunado proscresse de Portugal os Mouros e Judeos; e por isso o Rei Filosofo estabeleceu a Tolerancia Politico-Religiosa, e o

Senhor D. PEDRO não deo a antiga, e amplissima tolerancia, he porque, habil Politico, não quiz hir de encontro aos prejuizos dos Portuguezes habituados ha seculos ás idéas de huma intolerancia.

Do pouco que vos tenho dito, já vêdes, Senhores, que a doutrina da CARTA se fundamenta nas nossas antigas Leis, e nos usos e costumes da Nação; mas infelizmente humas Leis tão sábias encontrarão inimigos em Portugal; os interessados nos antigos abusos, chamarão Heresia á justa Liberdade, como se a escravidão fosse virtude! Seduzirão-se os Povos, levantarão-se calúrnias, sofismarão-se as Leis, chamou-se Rei legitimo quem era simples Mandatario: atulhão-se as prizões, povôão-se as doentias Costas d'Africa, e ensanguentão-se cada falsos com as victimas da sua fidelidade á CARTA e á RAINHA! Os poucos Portuguezes que poderão escapar ás pesquisas da tyrannia, lá vão comer em terra alheia o mesquinho pão do exilio, em quanto outros vão conservar o sagrado fogo da Liberdade, na decantada Ilha Terceira, perdida na immensidade do Oceano. Todos gemem, só a usurpação triumpho e ri; mas o DEOS que vinga os crimes, por meios imprevisos á fraca razão humana, vai coroar a virtude, e destruir a tyrannia.

Era preciso hum Grande Homem para a execução dos grandes arranjos da Providencia; e o Imperador do Brazil he o instrumento, de que o Ceo se serve para o complemento dos seus designios. O Idolo dos Brazileiros, o Defensor perpétuo da Liberdade do Mundo Novo, teve a sorte dos grandes Homens; como *Licurgo* desagrado ao Povo a quem felicitára, e como aquelle grande Legislador foi taxado de querer

escravisar o paiz que libertára; mas o Grande PEDRO desmentio bem, suspeitas tão mal fundadas: desprezando no Brazil ser o Chefe de hum Imperio, veio ser na Europa o General dos homens livres. Grande PEDRO, a tua abdicção do Throno Brazileiro, que bem podias conservar, e de que só descestes para desmentir calúmnias, e poupar vidas, foi hum facto que prova a tua filantropia, e a grandeza da tua alma.

Portugal escravo estendia suas mãos algemadas ao seu antigo Rei: o Principe Magnanimo compadeceo-se de nós, e vai-nos conquistar a Liberdade que nos dera, e nos roubárão: com a sua presença lá vai animar esse punhado de homens livres, que encerrados na Terceira fôrão o germen da nossa presente Liberdade. Com a chegada do DUGUE DE BRAGANÇA todos os bons se animão, só a usurpação trepida. Tudo na Terceira tem alma, movimento e vida. O Grande PEDRO examina o que he preciso, e o que he preciso apparece. Apparece huma Armada, hum Almirante, hum Exército, hum Erario; e o Archipelago dos Açores conquistado com a rapidez do pensamento, he o primeiro ensaio do Legislador General. Este genio, em tudo grande, tendo só 7:500 homens, medita a conquista de Portugal, defendido por mais de 80:000 soldados, e todo conspirado contra a nascente Liberdade. Quanto he certo, que os grandes Exercitos não affianção sempre o bom exito dos combates, e que a pericia dos Chefes, e o valor dos Soldados, he quem dá a certeza da victoria! *Dario* perdeu a Persia tendo hum Exercito de 600:000 homens, e *Alexandre* venceu o mundo com pouco mais de 30:000! Nas historicas praias do Mindelo os valentes

Camaradas do Heroe da Liberdade, fixarão esse rico Estandarte bicolôr, que mãos mimosas confiãrão ao valor de braços fortes. O nome do Grande PEDRO echoou nesta Cidade, e ao seu rebombo fugirão espavoridas as falanges do Despotismo.

E tu, ó Porto invicto, ó Patria da Liberdade Portugueza, se vês poucos combatentes, não tremas, não te assustes; esses poucos, todos são heroes, e o DUQUE DE BRAGANÇA he o seu Chefe. Com effeito, não se volvem muitos dias, que o Porto não visse, quanto valem esses poucos. O Exercito absolutista confiado no seu número, accelerando marchas, caminha sobre o Porto: corôã-se os outeiros, enchem-se os vales de gente armada!... Ah! se o numero só vencesse, preciosa Liberdade, o dia 23 de Julho de 1832 era o dia do teu funeral, e Ponte Ferreira seria o teu sepulchro! Mas o valor supprio o número, e o inimigo derrotado, e em vergonhosa debandada, fóge até Penafiel, chega a Amarante, e ainda além.

Este primeiro triumpho não fascina o Heroe Bragantino: grande Capitão prevê astuto, que o inimigo teria ainda mil recursos, e por isso procura inutilisa-los, obtendo outros para si.

Para conter o inimigo, lá se levantão essas tão afamadas Linhas desta Cidade, mais formidaveis pelo valor dos seus defensores, do que pela sua solidez, e construcção. Poucos dias bastão para fazer de huma Cidade aberta, a primeira Praça do mundo. E como não havia de ser assim se PEDRO era o General, o Engenheiro, o Operario e o Soldado! Elle via tudo, tudo providenciava. Ninguem recusa o trabalho; e quem o recusaria, quando o mesmo Principe trabalha! O seu exemplo he a mais elo-

quente Proclamação. Todos os Cidadãos do Porto são Soldados, e na escola do Grande PEDRO todos os Soldados são Generaes.

Ainda não estava bem concluída a circumvalação desta Cidade, quando a 29 de Setembro de 1832 a luz da Aurora mostrou, que o Inimigo vinha ataca-la. A essa enorme multidão de homens armados, o grande General oppõem o seu saber, e o grande valor dos seus poucos, porém bravos Soldados; e o saber e o valor triumfárão da multidão. Muda o inimigo de Generaes e de plano; PEDRO não treme, não se assusta. Aperta-se o cêrco da Cidade Heroica: tudo quanto das Linhas se avista são homens armados e petrechos de guerra. A fome começa a sentir-se; o mar, a terra, as doenças, e os homens, tudo leva a consternação á Cidade do heroismo. A arte da guerra exaurio os seus inventos para destruir esta Cidade: lá se funde em paiz, chamado amigo, essa decantada Peça, mais temerosa, que a de Dio, mas esse mortifero instrumento só servio de mostrar ao inimigo, que no Porto tambem havião *Castros*.

Em vão se redobráo os ataques, em vão se amontôão cohortes inimigas, em vão se cruzão granadas sobre esta Cidade heroica; PEDRO tudo remedeia, a tudo resiste: PEDRO não dorme, não repousa: de noite vigia a Linha, de dia dá ordens, assiste a Conselhos, descobre recursos, emprega-os habilmente; e tudo era preciso, porque a terrivel hora do grande perigo, e da grande gloria estava já batendo.

Esse General Francez, a quem o vencimento de huns poucos de barbaros d'Argel dera, entre os seus, fascinante nomeada, chegou ao campo inimigo, e prometteu anniquilar os Liberaes. Lá se escolhe para o ataque hum dia

memorando por antigas e gloriosas recordações. O dia 25 de Julho de 1833, em que se contavam 694 annos, desde que o primeiro *Affonso* assegurou a Corôa, com os triumphos de Ourique, foi o dia destinado por *Bourmont* para assegurar a Corôa na cabeça do usurpador. Temeroso foi o conflicto: ataques falsos, ataques verdadeiros: bombardeamento de toda a Linha toma os defensores do Porto pela frente, pelos flancos e pela retaguarda. Oh! dia 25 de Julho, tu, serias o ultimo da Liberdade, e do Porto, se o Grande PEDRO não estivesse dentro das tuas Linhas. Os bravos virão-se affrontados neste dia, porém o General Heroe, como quem marcha para a victoria, lá vai collocar-se no ponto mais arriscado, lá vai estacionar-se na Bateria da Hora: d'ali vê tudo, pondera tudo, tudo dirige; dá Ordens, traça planos, e vê como os Heroes seus Camaradas resistem, destruição, triumpho, vencem... Vencestes, Grande PEDRO, vencestes; e em quanto o Douro te offerta Corôas, o Têjo vê tremular o Estandarte bicolor. Formastes planos; mandastes os teus bravos, e elles executarão as tuas Ordens; conquistarão o Algarve, aprisionarão huma Armada, entrarão na Capital... Que rapidez de triumphos! Mas Lisboa restaurada reclama a presença do Heroe. Elle lá vòta: fortifica a Capital, alista Soldados, prepara-se para a defeza. Atacão-se as fortificações de Lisboa; mas PEDRO lá está, e a victoria he d'elle: o inimigo fóge destroçado; e de aggressor que d'antes era, toma a defensiva, e vai fortificar-se nas inconstaveis linhas de Santarém: inutil recurso! A gloriosa batalha da Asseiceira desalentou totalmente o inimigo, que já sem esperanças buscava, a favor dos largos Campos do Alem-Té-

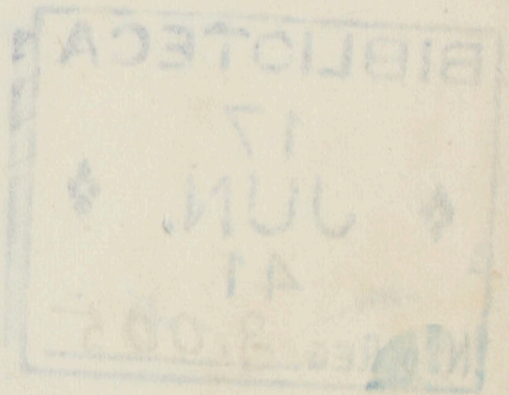
jo, protrahir huma perda inevitavel: o inimigo só foge, já não resiste; e como PEDRO só combate quem se lhe oppõe, como vê fugitivos, diz á victoria: = Não mais = e disse aos seus inimigos: = Estais perdoados. =

Ah! Senhores, e foi *Cezar* mais clemente? Mas o Grande PEDRO foi o que devia ser: foi o Pai, o Amigo, e o Libertador da sua Nação. Se elle vencesse, e não dêsse a Liberdade aos vencidos, seria hum habil General, mas não seria o Amigo de todos os Portuguezes, o Heroe Libertador: mas como PEDRO só combate para fazer os Homens livres, conseguida a victoria, nada mais quer. O immortal DUQUE DE BRAGANÇA não verteo o sangue Portuguez, por espirito de conquista; fez sacrificios e arriscou a vida para bem dos seus Povos. Grande PEDRO, se tornasses agora á vida, que pungente dôr não ralaria teu Coração magnanimo, ao ver os infortunios d'este Povo por quem tanto te sacrificaste; infortunios filhos não das tuas Leis, mas da sua inobservancia, e dos nossos desvarios. A triste perspectiva da Nação, dividida em partidos, e odiando-se mutuamente, te apresentaria o aterrador symptoma da dissolução do corpo social, e seus proprios filhos disputando a gloria de serem seus coveiros. Medonha vista! Ella te faria verter lagrimas d'amargura, e desejar de novo a silencioza paz do sepulcro!

Cidadãos de todos os partidos, com todos agora fallo, sem ferir o melindre, ou opiniões d'alguem; Cidadãos de todos os partidos, se o nome de *Patria*, he hum nome de indecifavel simpathia, em nome da Patria, em nome do Amigo, por quem hoje correm nossas lagrimas, eu vos peço, que vos esqueçaes d'antigos pre-

conceitos; desapareção essas paixões mesquinhas, sempre fataes á Sociedade, e aviltantes para quem as nutre. Unamo-nos em volta do Throno da Augusta Filha do Grande PEDRO; breve se vai patentear a urna, correi todos a ella, levai ao Santuario das Leis Homens de probidade, e de bom senso: a Nação o espera de seus filhos, a Europa inteira tem agora mais que nunca, fixado sobre nós as suas vistas, e a Historia ja tem aparado as suas penas para escrever apar do vosso nome — Foi amigo da sua Patria, — ou a aviltante legenda = Foi pessimo Cidadão. = Refleti, vede o que fazeis.

A saude do Heroe tinha-se deteriorado com os continuos trabalhos da guerra. Afflições de espirito, vigalias, cançasso, cuidados; tudo quanto mina a existencia tinha amargurado a vida do Senhor D. PEDRO, e concorrido para a sua morte: ella se aproxima; o Heroe a prevê, e antes que chegue, aligeira-se para se despedir dos seus melhores Amigos: vem ao Porto para dizer hum eterno adeos aos Portuenses, aos companheiros das suas fadigas, e dos seus triumphos, a este Povo constante, soffredor, valoroso, e livre!! Oh! dias de tanto júbilo, como tão cedo vos transtornastes em dias de tantas lagrimas! Então vimos o nosso libertador, coroadado de louros, marchando entre aplausos, e triumphos, encaminhar-se para esta Real Capella da Lapa!... E hoje!... Luctos... aquelle Tumulo!... e vazio!... Nem vemos o Amigo, por quem correm nossas lagrimas!! Resta-nos o simbolo do seu amor, aquelle Coração magnanimo!... Os graves males, que o nosso Libertador tinha contrahido na nossa defeza, agravão-se, sobem de ponto, a doença cresce, e a



Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Morte chega; o Heroe a encara, mas não se assusta! Nada mais tenho com o mundo, diz elle para os assistentes; amei os Homens, fiz-lhes o bem que pude, permitti que cuide tambem de mim. Os Sacramentos da Religião fortalecem a sua Grande Alma contra os ataques do inimigo das Almas. Mas o amor não conhece limites, lembrão ainda ao Heroe moribundo os seus companheiros d'armas, os Conquistadores da Liberdade: manda-os chamar, abraça-os; e esses Bravos, que tantas vezes virão a morte sem sôbro, debulhão-se em lagrimas, entre os braços do Heroe anciado. Venhão os meus Soldados, dizia o General moribundo, quero abraçar hum por todos... Já não era tempo!... Mas nos ultimos parocismos da vida, nem ainda se esquece de nós: chama a nossa RAINHA, essa Filha querida a quem deo hum Throno, e por quem perde a vida: Minha Filha, diz elle, sê fiel á Carta... ama os Portuguezes... elles t'o merecem!... Conselho digno do nosso Amigo!! Com a Liberdade na boca, e Deos no coração: com a Espoza, e Filhos na lembrança perde o alento!!! Morre a 24 de Setembro de 1834 o nosso Pai, o nosso Libertador, o REY Filosofo, o Principe Legislador, o Modelo dos Grandes Capitães, e dos Grandes Homens, o Senhor DUQUE DE BRAGANÇA, o Primeiro Imperador do Brazil, e Defensor perpétuo da sua Liberdade! Amante da Liberdade dos Povos, sacrificou por ella duas Coroas; Amigo dos Portuguezes deu por elles a propria vida, e mereceo por isso hum nome de immortal gloria. *Dedit se ut liberaret populum suum, et acquireret nomen æternum.*

Queira o Ceo conceder-lho tambem o descanso, e gloria eterna. *Requiem æternam dona ei, Domine, e lux perpetua luceat ei.* Disse.

